



Bibi arrebatadora!

Em janeiro de 2018, Bibi comemorou 77 anos de carreira. Desde 1941, havia participado, como intérprete, de 85 espetáculos – comédias, dramas, musicais, concertos, shows -, dirigido 51 peças de teatro, 11 shows e duas óperas, recebido mais de cem prêmios e homenageada em todas as capitais do Brasil, na França, em Portugal e em Nova Iorque.

Numa carreira de muitas alegrias, aplausos entusiásticos e críticas gloriosas, recebeu elogios do público e da imprensa, nomeada como: diva, primeira dama do teatro, maior artista da cena brasileira, *an entertainment powerhouse* e arrebatadora.

Em 4 x *Bibi*, com músicas de Edith Piaf, Amália Rodrigues, Carlos Gardel e Frank Sinatra, para responder à pergunta recorrente, ela começava o show, cantando “Eu nasci há dez mil anos atrás”, de Raul Seixas.

As plateias estavam sempre lotadas para ver o fenômeno: uma senhora idosa que solta a voz sem idade e nos invade com um misto de emoção, agradecimento e orgulho.

Grande dama dos palcos

Em entrevista, Bibi fala do pai, da sua voz e conta sobre o concerto com canções de Sinatra que traz à Capital

KARIN BARROS
Karin.barros@noticiasodia.com.br

Qualquer fragilidade que uma senhora de 95 anos aparente ter, em Bibi Ferreira some quando ela põe os pés no palco. Com 76 anos de carreira, Bibi se mantém firme em suas turnês e imbuída aos críticos que o vigor e o talento para a música só melhoram com o passar do tempo.

Neste sábado, a grande dama dos palcos faz show em Florianópolis, com o espetáculo que interpreta clássicos de Frank Sinatra, que começou como uma brincadeira de bastidores e se tornou mais um projeto arrojado. Na apresentação, que iria ocorrer em 11 de maio, mas foi transferida por uma virose que acometeu a artista, irá passear pelos principais sucessos de Sinatra como “My Way”, “Fly Me To The Moon”, “I’ve got you under my skin”, e canções que ele gravou de Tom Jobim. Bibi Ferreira já encanou outros grandes desafios nas mais de sete décadas de música e teatro: cantou Edith Piaf, Amália Rodrigues, Carlos Gardel, Dolores Duran, Chico Buarque, entre outros.

Filha de Procópio Ferreira, estreou com a peça “La locandiera”. Três anos depois, montou sua própria companhia teatral, onde reuniu nomes como Cecília do Becker, Maria Della Costa e a diretora Henriette Morineau. De 1960 em diante, a atriz e cantora dirigiu e atuou em diversas peças e musicais. Em meados de 2010 começou a realizar espetáculos focados em apenas um artista, como o show que será apresentado na Capital.

Confira o entrevista com Bibi feita por e-mail:

Seu repertório é feito ao lado do maestro Flávio Mendes, certo? Como ocorre as escolhas das músicas no caso do show que a senhora irá apresentar em Florianópolis, já que Sinatra tem uma infinidade de canções propícias?

Dessas músicas escolhidas para o show, qual delas a senhora prefere cantar e por quê?

Como a senhora vê a representação da música de Frank Sinatra para o mundo?

vezes me perguntel isso. “Gato” é a maior obra do dramaturgo brasileiro. A maior, sem dúvida. Um dia chegou o convite para fazer Piaf, do produtor Pedro Rovai. De cara gostei muito da ideia, pois era um texto que estava sendo montado em várias partes do mundo, em homenagem aos 20 anos de morte da Piaf. Mas não me encontrei tão rápido assim com o repertório dela. Achava um pouco triste. Cheguei a desistir do projeto. Um dia um amigo me ligou e me chamou para ir a casa dela. Quando lá cheguei, ela estava com vários discos da Piaf e foi me mostrando outras canções. Me fez ouvir com calma, percebendo a riqueza das músicas. Piaf, com certeza, é um dos maiores sucessos da minha carreira, embora eu não me apresentei em Nova York, tentei no res-



Aos 94 anos, Bibi canta sucessos de Frank Sinatra, entre eles “That’s Life”, um jazz que ela considera “lindo”

O que você traz desses 76 anos de carreira para a sua vida?

Sua voz é seu instrumento de trabalho, como mantém-lo tanto tempo em “bom estado”?

No Teatro Álvaro de Carvalho, no Centro de Florianópolis, há uma placa em homenagem ao seu pai que se apresenta no local. Você tem lembranças da cidade?

O que a senhora escuta quando está em casa?

Tem algum músico atual que chama sua atenção?

Percebo que tem muitas coisas boas acontecendo. Muitas mesmo. Essa menina Anita é uma graça. Adoro a Joyce Cândido, uma bela voz e ainda toca piano. Recentemente ouvi a Beatriz Rebelo. Linda voz também. Que afinação! Já andei vendo algumas coisas da Alice Cavonni e acho que

“Eu nunca penso no que eu quero, no que eu gosto... Eu tenho que pensar sempre em relação à plateia. A plateia é a que gosta, a que quer, a que deseja”.

A photograph of Bibi Ferreira performing on stage. She is wearing a long, flowing blue coat over a black sequined dress with fringe. Her arms are outstretched, and she is singing into a microphone. The background is dark with some stage lights and a blurred band.

Arrebatadora *Bibi Ferreira*

No alto de seus 95 anos, atriz e cantora traz concerto que evoca Frank Sinatra a Florianópolis, cidade que ela guarda boas memórias desde o tempo do pai, Procópio

Aos 94 anos, Bibi Ferreira, a grande dama do palco brasileiro, não para de cantar

por James Gavin, 19 de setembro de 2016

Bibi Ferreira fala na voz culta e teatral de uma viúva inglesa, resultado da escolaridade britânica quando criança. Não é o tipo de som que se espera sair da boca de uma atriz, cantora e diretora a quem os brasileiros consideram sua maior dama do palco viva. Em cena ela é um camaleão, conhecida pela pesquisa que faz, pelos retratos psicologicamente em camadas e pela grandeza do seu canto, sem mencionar sua energia. Trabalhando sem parar desde os três anos de idade, ela ganhou um descanso, mas, ainda aos 94 anos, sua ambição só aumenta.

“Quando completei 40 anos, as pessoas começaram a comentar o avançar da minha idade” – lembrou-se Bibi em um quarto de hotel em Manhattan, “então, fiz 50, depois 60, e 70, e pensei: bem, isto é uma bobagem. Eu me sinto bem. As pessoas se preocupam comigo e não deveriam. Agora, tenho 94, canto melhor a cada dia, entendo melhor as coisas, lido melhor com as pessoas e ainda posso fazer meu show.”

Aos 90 anos, Bibi Ferreira estreou em Nova York – “algo que estava muito ocupada para enfrentar mais cedo”, disse. E agora, ela está de volta. Esta semana fará duas apresentações do seu último espetáculo 4 x Bibi, no qual saúda Frank Sinatra, Edith Piaf, a rainha do fado Amália Rodrigues e o tango de Carlos Gardel.

Ela gosta de colocar as coisas nos seus lugares. Em uma entrevista concedida à Rádio Pública Nacional dos Estados Unidos, Maria Bethânia, cantora dirigida por Bibi, aclamou a importância da sua mentora: “tudo o que ela faz ajudou o Brasil com a sua identidade.” Dirigindo sua própria companhia de teatro na década de 1940, Bibi Ferreira defendeu novas obras e dramaturgos ousados. Levou peças dramáticas à TV brasileira e apresentou artistas no seu programa de variedades e entrevistas. Em 1975, durante a ditadura, estreou o musical “Gota D’Água” – uma parábola da pobreza e da injustiça brasileiras, baseada em “Medeia” – escrito por Paulo Pontes, seu marido na época, e Chico Buarque, um inimigo dos censores. Em 2003, Bibi foi homenageada no Carnaval carioca; e, a partir de 2011 seu nome foi conferido a um prêmio de teatro. Hoje em dia, ela necessita de mais ajuda do que antes. Bibi Ferreira reside no Rio de Janeiro e conta com o apoio de uma equipe de assistentes liderada pelo seu produtor, gerente e – por algum tempo – parceiro de palco Nilson Raman, ex-modelo. Enquanto conversa comigo, ela aperta a medalha de Jesus pendurada ao pescoço.

No palco, suas fragilidades desaparecem. De acordo com o autor brasileiro e autoridade musical Zuza Homem de Mello, “As pessoas não acreditam que ela ainda possa fazer um espetáculo de duas horas com a voz potente e a pose de uma linda e alta mulher.” E acrescentou, “Não se vê em nenhum outro país uma mulher da sua idade fazendo as coisas que ela faz.”

O vigor está nos seus genes. E veio do pai português, Procópio Ferreira, aclamado como o maior ator do Brasil, e da sua mãe Aída Izquierdo, uma bailarina espanhola. “Minha mãe detestava a palavra ‘nada’”, disse. “Bibi, o que está fazendo?” “Nada.” “Nada? Você tem um piano e um violino para tocar e diz que não tem nada para fazer? Faça-me o favor de estudar!” “Então, eu dancei, cantei, toquei cinco instrumentos e falei cinco línguas.” Ela ri. “Mas isto não quer dizer que foram bem tocados e bem faladas.”

O livro “Bibi Ferreira: uma vida no Palco” (Montenegro e Raman, 2003) detalha as realizações e os reconhecimentos que se seguiram. Seu estilo de adotar uma ampla gama de aparências veio à tona na produção brasileira de “Minha Querida Dama” (*My Fair Lady*), em que atuou no papel principal da florista de sotaque cockney; posteriormente, estreou como a viúva casamenteira em “*Alô, Dolly!*” (Hello, Dolly!), e foi a prostituta espanhola em “*O Homem de La Mancha*” (Man of La Mancha).

Mas, para muitos críticos, sua coroação foi um tributo elaborado, iniciado em 1983, dedicado a Piaf, seu ídolo. “Ela era a verdadeira voz”, disse Bibi, “cantando nas ruas, nunca estudou música. Ela apenas se preocupava com duas coisas: amor e amor.”

Criar espaço para isso na sua vida sempre foi um desafio. Assim como Piaf, Bibi Ferreira atraía homens bonitos. Pelas suas contas – os detalhes são vagos – casou-se cinco vezes. Os primeiros terminaram rapidamente. E a última dessas uniões, com Paulo Pontes, chegou ao fim após oito anos, quando faleceu aos 36 anos de idade vítima de um câncer no estômago.

“Eu nasci para estar casada”, explica. “Mas tenho um grande defeito: sou muito ciumenta e isto torna as coisas difíceis para todo mundo.” Bibi conta que sua fama e ambição não incomodavam seus maridos. “No final das contas eu sempre os erguia, não o contrário.” Então, ela faz uma pausa, pensa e diz: “Bem, o casamento não deve ser algo duradouro.”

Bibi admite que o trabalho é tudo que importa para ela. “Continuo perguntando a todo mundo como eu estava. É que tudo precisa estar em ordem! Preciso me dedicar muito. E tenho que ficar atenta aos mínimos detalhes”. Ela se apoia nas críticas do seu diretor musical Flávio Mendes. “Ele me cobra; me diz”: “Você acha que está cantando bem aquela nota, mas não está. Aquele diafragma que você tem... use-o!”

“Na verdade, há apenas uma coisa em que se pode confiar: no aplauso”, conclui Bibi.

Even at 94, Brazil's Grande Dame of the Stage Can't Stop Singing

By JAMES GAVIN

Bibi Ferreira speaks in the cultivated, theatrical voice of an English dowager, the result of British schooling as a child. It's not the sound one would expect to come out of the mouth of an actress, singer and director whom Brazilians have called their greatest living woman of the stage. But in performance, Ms. Ferreira is a chameleon known for her probing, psychologically layered portrayals and the sweeping grandeur of her singing, not to mention her energy. Having worked nonstop since the age of 3, she has earned a rest, but even at 94, the ambition rages on.

When she turned 40, people began remarking on her advancing age, Ms. Ferreira recalled in a Manhattan hotel room last week. "Then I was 50. Then I was 60. Then I was 70, and I thought, well, this is silly. I feel fine," she said. "People are worried about me, and they shouldn't be. Now I'm 94, and I sing better every day, I understand things better, I'm better with people. I can still make a show."

At 90, she made her New York concert debut — something she'd been too busy, she said, to tackle earlier. Now Ms. Ferreira is back. This week at Symphony Space she will give two performances of her latest one-woman show, "Bibi Times Four," in which she salutes Frank Sinatra, Édith Piaf, the Portuguese fado queen Amália Rodrigues and the Sinatra of the tango, Carlos Gardel.

She likes to turn the spotlight on her peers. But in an NPR interview, Maria Bethânia, a singer who was directed early on by Ms. Ferreira, proclaimed her mentor's importance: "Everything she does has helped Brazil with its identity."

Running her own theater company in the 1940s, Ms. Ferreira championed bold new works and playwrights. She brought dramatic plays to Brazilian TV and presented artists on her own talk/variety shows. In 1975, during the country's dictatorship, she starred in the musical play "Gota d'água" ("Drop of Water"), a parable of Brazilian poverty and injustice, based on "Medea"; it was written by Paulo Pontes, then her husband, and featured a score by Chico Buarque, an enemy of the censors. In 2003, she was saluted in the Carnival parade. Eight years later, a theater award was named for her.

Today, of course, she needs more help than before. Ms. Ferreira, who lives in Rio, leans heavily on a team of assistants, led by her producer, manager and sometime singing partner Nilson Raman, a former model. While speaking, she clutched the Jesus medallion that hung from her neck.



YANA PASKOVA FOR THE NEW YORK TIMES

"People are worried about me, and they shouldn't be. Now I'm 94, and I sing better every day, I understand things better, I'm better with people. I can still make a show."

BIBI FERREIRA,

the Brazilian singer and actress

Onstage, her frailties fade. According to the Brazilian author and musical authority Zuza Homem de Mello, "People do not believe she can still do a two-hour show with plenty of voice, looking like a tall and beautiful woman," he said. He added, "You don't see in any country a woman of her age doing the things she does."

Gut ambition was in her genes. It came from her Portuguese father, Procópio Ferreira, who was acclaimed as Brazil's greatest actor; and her mother, Aida Izquierdo, a Spanish ballerina

singer," she said. "Bibi, what are you doing?" "Nothing." "Nothing? You have a piano to touch, a violin to play and you say you have nothing to do? Will you please go and study?" I danced, I sang, I played five instruments, I spoke five languages." She laughed. "This doesn't mean they were well played and well spoken."

A 2013 book, "Bibi Ferreira: A Life on Stage," by Mr. Raman and Marcus Montenegro, details the achievements and recognition that followed. Her flair for adopting a sprawling range of guises

production of "My Fair Lady," where she played the lead role of a Cockney flower girl; later she starred as a busybody American widow in "Hello, Dolly!" and a Spanish prostitute in "Man of La Mancha."

But for many critics, her crowning glory was an elaborately staged tribute, begun in 1983, to Piaf, her idol. "She was the real voice," Ms. Ferreira said, "singing on the streets, never learning music. She only cared about two things: love and love."

Making room for it in her own

Piaf, Ms. Ferreira was a magnet for handsome men. By her count — details are vague — she married five. The last of these unions, to Paulo Pontes, ended after eight years, when he died of stomach cancer at 36. The earlier ones crumbled quickly.

"I was born to be married," she explained. "But I have a great flaw. I'm very jealous. And that made things difficult for everybody." Her fame and ambition didn't trouble her husbands, she said. "After all, I always lifted them up. Not the contrary." She paused

"Well, marriage shouldn't long."

Work, she admitted, is all that really mattered to her: "I'm asking everybody how I have to go well. I have to work hard on it. I have to pay attention to every little thing." She hangs the critiques of her musical director, Flávio Mendes. "He punishes me. He said: 'You think that are singing that note well. You not. That diaphragm that have there — use it.'"

"In the end," she added, "there's only one thing you trust, and

4 x Bibi foi para Nova Iorque em setembro de 2016. Era a terceira apresentação dela na cidade. A primeira, em 2013, foi um enorme sucesso com plateia lotada e muitos aplausos. O mesmo aconteceu desta vez: ela voltou a lotar o teatro, foi aplaudida delirantemente e recebeu críticas entusiásticas: "Outra performance memorável para Ferreira, que ainda é uma força a ser contada — ela tem grande energia no palco e sua voz está em ótima forma."

A novidade, desta vez, foi uma página inteira sobre sua vida e carreira no conceituado New York Times. É muito difícil um jornal tão importante dar um espaço tão grande para uma artista estrangeira. Mas o que foi mais significativo para Bibi foi o aplauso depois de cantar *Ol' man river* na segunda noite, uma ovação que durou alguns minutos. O público aplaudia e gritava em pleno êxtase.

“Manter a voz é uma questão de saúde, de respeito à saúde e de se comportar devidamente. Não falar muito alto, não tomar muito álcool, dormir o máximo que puder... Então é importante que você guarde tudo isso para quando você estiver no palco”



A consagração de Bibi é total. Aos 95 anos, alternou dois espetáculos em diversas cidades brasileiras – *Bibi canta Sinatra* e *4x Bibi* -, sendo sempre bem-vinda e aplaudida pelo público de várias idades, abrangendo muitas vezes, na mesma família, quatro gerações, assim como jovens indo sozinhos para ver (ou rever) a grande cantora que conheceram através de seus pais ou avós. As críticas, entusiásticas. Em Brasília, chegou a ser consagrada com a frase: “Ponham a Bibi no altar.”

Bibi estabelece conexão com os fãs independentemente da idade, mas estranha a onipresença dos smartphones nas suas apresentações. Celulares filmando ou fotografando não são um problema para ela, embora sinta que essas maquininhas a distanciam de seu público.

Com os dois espetáculos – *Bibi canta Sinatra* e *4x Bibi* -, ela se apresentou em São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Natal, João Pessoa, Aracaju, Brasília, Fortaleza, Belém, Curitiba, Brasília, Goiânia, Florianópolis, Belo Horizonte, Teresina, Recife, Porto Alegre, Petrópolis (RJ), Juiz de Fora (MG), São José dos Campos, Ribeirão Preto (SP) e Nova Iorque.

Os segredos para este sucesso retumbante e longevo são óbvios: o cuidado com a voz e a saúde e, principalmente, a paixão pelo palco e pelo trabalho em si. Para cuidar da voz, ela não fuma, não toma nada gelado, muito menos um sorvete, fala pouquíssimo ao telefone, não abusa da voz nos dias que precedem e nos minutos que sucedem aos espetáculos. Pouco antes de entrar no palco e pegar o microfone, toma uma xícara de café quente com uma pitada de manteiga: “Quando a manteiga derreter, você toma o café. A manteiga é para azeitar as cordas vocais”. Era assim que fazia o famoso Caruso.

Sempre calçando o salto 15, do qual a cantora não abre mão, e amplos decotes (que, segundo ela, são um show à parte), esbanjando energia e potência vocal e corporal, Bibi é um show de otimismo e leveza, relevando e até esquecendo do infarto do miocárdio sofrido em 2015.

Ela continua cumprindo o mesmo ritual que se impôs desde o início da carreira: “Vou para o teatro despojada de tudo. No camarim, me preparo, ou melhor, me preparam. Botam meu vestido, me ajeitam a peruca, me enfeitam com brilhos, brincos, pulseiras, vem a maquiadora, a muito competente Dona Érica, e me transforma.

Ela bota as pestanas postiças, arruma os cabelos como ela acha que eu vou ficar bem naquele dia, ela decide tudo”.

Trabalhando sempre com pessoas de sua confiança, ela trata a todos com muito carinho e respeito.

Para que isso aconteça de maneira eficaz, há todo um staff à sua disposição. Cleusa Amaral é a produtora executiva e está sempre ao lado de Bibi. “Eu fico no camarim zanzando até que a dona Cleusa me avisa que vai dar o sinal, mas só faz isto quando percebe que eu estou totalmente pronta e tudo está no lugar onde deveria estar. Estamos prontos, em condições de começar. Ultimamente, me carregam numa cadeira de rodas para eu não ter que andar de um lado pro outro do palco, para não cansar minha voz e o meu físico. Enquanto dão o primeiro sinal, a Cleusa providencia o café com manteiga.



BIBI E CLEUSA AMARAL

Bibi Ferreira is an entertainment powerhouse in Brazil — she’s been singing, acting, directing and producing for the past 75 years. At 94, she is also a force that doesn’t quit.

Kristina Puga (Wise with Age)

It was another memorable performance for Ferreira, who is still a force to be reckoned with—she has great energy on stage and her voice is in great shape.

Ernest Barteldes (All about jazz)

“Entusiasmo. Foi o que se verificou nas duas noites do show “4 X Bibi” no Symphony Space no Upper West Side de Manhattan. As apresentações de Bibi Ferreira em Nova York, que valeram ampla cobertura do The New York Times, principal jornal dos Estados Unidos, foram nas noites de 22 e 23 de setembro. “Casa cheia”, observou esfuziada a resenhista do concerto no site New York Cabaret Today, especializado na cobertura da agitada vida cultural da cidade. Danielle Miceli reportou que o público presente reagiu com extremo entusiasmo à energia e vigor da performance da grande diva brasileira.

A canção New York, New York, imortalizada na voz de Frank Sinatra, respondeu pelo grande momento da noite. Contagiante, a interpretação de Bibi Ferreira da clássica canção foi uma das mais altivas e brilhantes que a repórter americana confessa ter presenciado.”

Site Folha Acadêmica, 29/09/2016

viver.

“Minha carreira vai naturalmente, feito uma escada, degrau por degrau. Com muito cuidado para não escorregar”

Incansável Bibi

Atravessamos o palco por trás das cortinas. Fico esperando sentadinha. A Cleusa é toda minha, ela é responsável pela arrumação do palco e deixa tudo sempre em ordem. Eu estou tranquila porque sei que ela cuidou de cada pormenor. Ela não deixa faltar nada e checa todos os detalhes.

Todos estão a postos, todos trabalhando pra que possamos nos atirar à plateia. É um trabalho de equipe, incluindo todos os técnicos e a orquestra.”

Depois do show, Bibi é sempre cumprimentada por muitas pessoas no camarim e volta pra casa feliz, recompensada. Quem cuida dela em casa é a fiel escudeira Neide, sempre diligente e zelosa pelo bem-estar e conforto da atriz. “A Neide trata de mim, cuida do meu espaço de uma maneira geral desde 1982. Faz tempo! É uma pessoa de minha inteira confiança, é alegre e tem muito expediente. Não só não me traz problemas, como resolve todos os que eventualmente aparecem”.

Karol Conrath
uma das
grandes vozes
do pop, retornou
ao palco do
Opinião na
noite desta
quinta-feira
Página 5

Bibi Ferreira
celebra 75 anos
de carreira em
show na Capital

Cristiano Vieira

É

clássica de Bibi Ferreira, em seguida na air-...
1941, Bibi conquistou a vida artística. Ela e Maria, então, nesta quinta-feira, no palco do Teatro Country, às 21h...
Apenas em...
ve duas vezes...
maio, participo...
do Dia das Mãe...
bro, com um el...
te com música...
icones, Frank



“Sempre que eu represento ou canto, faço tudo com muito carinho, com muito pudor, com muito amor. Porque eu gosto muito da minha profissão. Eu gosto que saibam que eu estou disposta a levar o melhor que eu tenho para o público”

Luiza Filippo